

Literatura, filosofia e educação ambiental no viver da fronteira entre Brasil e Uruguai

Juliana Corrêa Pereira Schlee

Paula Corrêa Henning

Renata Lobato Schlee

Universidade Federal do Rio Grande (Brasil))

Resumo

Este artigo tem como objetivo potencializar o pensar sobre o que pode significar a fronteira (Brasil-Uruguai) no entrelaçamento entre literatura, filosofia e educação ambiental, para além do entendimento de uma simples linha divisória. Para alcançá-lo, no primeiro momento, traçamos os caminhos metodológicos através da problematização com uma ferramenta teórica-metodológica de Michel Foucault. No segundo momento, buscamos um aprofundamento teórico no encontro analítico da literatura contista, com base nos livros “Linha Divisória”, de Aldyr Schlee, e “A vida dos homens infames”, de Michel Foucault, para, em constante movimento, pensar e repensar a fronteira e a educação ambiental, através da problematização. Concluímos, a partir do objetivo traçado e das análises da literatura, que podemos considerar a noção de fronteira como relações culturais, sociais, ambientais, marcadas pela infâmia e resistência ao poder que fabrica modos de ser e viver fronteiriços.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Arte. Literatura. Filosofia.

Literature, philosophy, and environmental education in living on the border between Brazil and Uruguay

Abstract

This article aims to enhance thinking about what the border (Brazil-Uruguay) can mean in the intertwining of literature, philosophy, and environmental education, beyond the understanding that this is a simple dividing line. To achieve this, in the first instance, we traced the methodological paths through problematization using a Michel Foucault's theoretical-methodological tool. In the second

moment, we seek a theoretical deepening in the analytical encounter of short story literature based on the book "Linha Divisória (Dividing Line)", by Aldyr Schlee, and "La vie des hommes infâmes (The Life of Infamous Men)", by Michel Foucault, to constantly think and rethink the border and environmental education, through problematization. We conclude, based on the objective outlined and the analyzes of the literature, that we can consider the notion of border as a cultural, social, and environmental relations, marked by infamy and resistance to the power that manufactures border ways of being and living.

Keywords: Environmental Education. Art. Literature. Philosophy.

Literatura, filosofía y educación ambiental en el vivir en la frontera entre Brasil y Uruguay

Resumen

2

Este artículo tiene como objetivo potenciar la reflexión sobre lo que puede significar la frontera (Brasil-Uruguay) en la intersección entre literatura, filosofía y educación ambiental, más allá de la comprensión de una simple línea divisoria. Para lograrlo, en una primera instancia, trazamos los caminos metodológicos a través de la problematización, utilizando una herramienta teórico-metodológica de Michel Foucault. En la segunda instancia, buscamos la profundidad teórica en el encuentro analítico de la literatura de cuentos a partir de los libros "Linha Divisória (Línea divisoria)", de Aldyr Schlee, y "La vie des hommes infâmes (La vida de los hombres infames)" de Michel Foucault, para pensar y repensar, en constante movimiento, la frontera y la educación ambiental a través de la problematización. Concluimos, a partir del objetivo planteado y de los análisis de la literatura, que podemos considerar la noción de frontera como relaciones culturales, sociales y ambientales, marcadas por la infamia y la resistencia al poder que fabrica formas fronterizas de ser y vivir.

Palabras clave: Educación Ambiental. Arte. Literatura. Filosofía.

Introdução

*Há aqui uma linha divisória
Entre Jaguarão
E o resto do mundo
(Schlee, 1988).*

O espaço-tempo que se constitui na fronteira política e geográfica entre o Uruguai e o Brasil é uma linha traçada, fabricada e constituída há poucos séculos, que separa e divide pessoas e um território – o pampa¹. Na fronteira, somos *nosotros*, uma mescla, uma diversidade que transborda a borda estipulada, que transita sobre o limite e atravessa o espaço recortado. Esse espaço, povoado por mulheres e homens infames, de experiências, de histórias e de significados constitui modos de ser sujeitos, modos de viver e de ser fronteiriços, modos de se relacionar com os outros e com o lugar, com o espaço.

Considerando essas percepções, passamos a olhar para a fronteira entre o Brasil e o Uruguai a partir da filosofia da diferença, potencializada principalmente pelos estudos de Michel Foucault. Nesse direcionamento, o exercício filosófico torna-se uma potência de pensamento que abandona as certezas, vendo-as como contestações do presente e como uma forma de buscar a invenção de desvios e de novas conexões, que nos permitam olhar para a educação ambiental e a fronteira com mais devires e menos verdades.

Entendemos a fronteira como uma construção histórica, cultural, social, em que a intervenção humana delinea seus significados, fabrica as maneiras de viver e de se relacionar ambientalmente. Não há uma dimensão natural, nem essencial nesse espaço marcado como fronteira. Seus limites foram delineados, demarcados por práticas sociais e são plenamente mutáveis. A educação ambiental torna-se, aqui, uma possibilidade de pensar nossas relações com esse lugar e de questionar os discursos que moldam e fabricam modos engessados de ser e viver fronteiriços.

Diante do exposto até o momento, pontuamos que este artigo é o resultado de um estudo realizado em um grupo de pesquisa com o objetivo de potencializar o pensar sobre o que pode significar a fronteira (Brasil-Uruguai),

no entrelaçamento entre literatura, filosofia e educação ambiental, para além do entendimento de uma simples linha divisória. Para alcançá-lo, dividimos este texto em três seções: na primeira, traçamos os caminhos metodológicos através da ferramenta foucaultiana da problematização; na segunda seção, realizamos um aprofundamento teórico no encontro analítico da literatura contista de Aldyr Schlee no livro “Linha Divisória” e, por fim, na última seção, tramamos as considerações finais do texto.

Ferramentas sobre a mesa: como a gente experimenta a problematização?

A problematização, como uma ferramenta de trabalho sobre uma mesa, assim como um martelo, pode ser usada para quebrar, romper, desmantelar algo alicerçado, sólido, duro. Tal ferramenta pode ser usada como uma tática analítica, um método como um trabalho do pensamento e não como um ajuste de representações (Foucault, 2006b).

4

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? Se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe? (Foucault, 1984, p. 12).

A atividade filosófica de pensar os modos possíveis de viver aqui na fronteira, entre o Brasil e o Uruguai, para além do estabelecido geográfica e politicamente, pode provocar a pensar de outras formas, a buscar outras significações embebidas no múltiplo, a colocar em suspenso o instituído, o que está dado. E, ainda, a exercitar o pensamento para educações ambientais possíveis nos interstícios pampeanos, seja nos meios urbano e rural, seja nos fluxos de vida e/ou no cotidiano da fronteira. Esse é um dos desafios desta pesquisa. É na ordem da superfície que se encontra a problematização e é nela que se pode encontrar uma resposta a uma situação concreta que é real (Restrepo, 2008). Esses são problemas que se colocam no presente, são questionamentos que provocamos a nós mesmos, sujeitos deste tempo, sobre nossas vidas, nossas práticas, sobre as ações assumidas enquanto pesquisadoras educadoras ambientais.

Foucault (2006a, p. 231) traz a problematização como um elemento para a história do pensamento “[...] distinguindo-a da história das ideias – ou seja, da análise dos sistemas de representação – e da história das mentalidades – isto é, da análise das atitudes e dos esquemas de comportamento”.

○ pensamento não é o que se presentifica em uma conduta e lhe dá um sentido; é sobretudo, aquilo que permite tomar uma distância em relação a essa maneira de fazer e de reagir, e tomá-la como objeto do pensamento e interrogá-la sobre o seu sentido, suas condições e seus fins. O pensamento é liberdade em relação àquilo que se faz, o movimento pelo qual dele nos separamos, constituímos-lo como objeto e pensamos-lo como problema (Foucault, 2006a, p. 231).

○ intuito, aqui, é tomar a educação ambiental como um objeto, distanciar-se e, então, interrogá-la sobre seu sentido, pensá-la como problema, assim como as relações socioambientais na fronteira entre o Brasil e o Uruguai. Mirar para a arte e, aqui, neste artigo, para a literatura produzida e interrogá-las, provocar o pensamento, problematizá-las enquanto objetos, regras de ação ou modos de relação consigo.

A história do pensamento se interessa e se interroga sobre sua forma historicamente singular. Portanto, se interessa por objetos, regras de ação ou modos de relação de si, na medida em que os problematiza pela maneira que apresentaram, numa dada época, um certo tipo de resposta a um certo tipo de problema (Revel, 2005).

Considerar a educação ambiental implica pensar a situação em pauta como problema e não como solução! Inverter a ordem estabelecida para a educação ambiental, não mais como aquela que apresenta a solução para os problemas ambientais. Mas sim, em uma ótica que permita analisar nossa atualidade, de forma historicamente singular, estranhando uma educação ambiental maior, instituída, disciplinadora das condutas das populações para o futuro do planeta. Nos termos de Schlee, Henning e Ribeiro (2019):

Bajo un devenir menor, la educación ambiental se funda em um acto de revuelta com lo que se instituye, trabando resistencia a lo que se impone, a lo mayor. Entendemos que la educación ambiental mayor está entretejida por las pautas, leyes y conferencias que forman este campo de conocimiento, que guían nuestra conducta

em las formas de ser y vivir em el planeta hoy (Schlee; Henning; Ribeiro, 2019, p. 67).

O desejo, aqui, é problematizar a educação ambiental deixando-nos conduzir numa empreitada filosófica:

[...] analisar, não os comportamentos, nem as ideias, não as sociedades, nem suas *ideologias*, mas as problematizações através das quais o ser se dá como podendo ou devendo ser pensado, e as práticas a partir das quais essas problematizações se formam” (Foucault, 1984, p. 15, grifo do autor).

E, ainda, interrogar os fundamentos da educação ambiental para entender a sua relação com os problemas com os quais esta se confronta, em especial as posições que assume diante de um cenário de crise ambiental mundial. O desejo foi trabalhar, nesta pesquisa, com ferramentas da ordem da problematização, longe de buscar uma solução definitiva para os modos de viver a fronteira e as relações ambientais.

6

Exercitar uma problematização histórica do nosso presente foi uma luta contínua de Foucault em seus escritos. Uma luta que passe pelo desejo de exercitar a crítica sobre nossas verdades, nossa história e nossa subjetivação. Assim, o interessante, aqui, não é resolver a chamada crise, mas sacudir a quietude dos ensinamentos ambientais no cotidiano (Henning, 2021, p. 316).

Intencionando exercitar o pensamento e deslocar os modos como atuamos como educadoras ambientais, provocamos o(a) leitor(a) e a nós mesmas ao afirmar: não mais usar fórmulas prontas, não mais perpetuar práticas individuais de ações e modos de agir ecologicamente – e moralmente – corretos, mas promover encontros possíveis, vivências, experiências atravessadas pela articulação da ética e da política para criar singularidades nos modos de existência.

Na próxima seção, convidamos o(a) leitor(a) a pensar conosco para além de uma “linha divisória”, tramando a literatura, a filosofia e a educação ambiental no espaço-tempo fronteiriço.

Literatura, filosofia e educação ambiental: para além de uma “linha divisória”

Nesta seção, buscamos transpor linhas imaginárias pulsando com a literatura, a filosofia e a educação ambiental para resistir e provocar o pensar nos modos de ser e existir nessas fronteiras. Para isso, vamos tecer a escrita alinhavada, costurada com a literatura contista de Aldyr Schlee em seu livro “Linha Divisória” (1988), no desejo de pôr em movimento pensamentos intempestivos sobre o viver na fronteira. Somando a isso, trouxemos para esta escrita, o filósofo Michel Foucault, que inúmeras vezes teceu seus estudos filosóficos com a arte.

No primeiro momento, a escrita desta seção se dá na alquimia entre a literatura contista da fronteira e o texto de Michel Foucault sobre “A Vida dos homens infames” para provocar o pensar sobre a literatura dos infames – entendemos a literatura como algo que traz no seu discurso relações de poder e verdade. A escrita deste texto tem seus atravessamentos nas vidas infames narradas em autos de prisão, cartas régias e arquivos administrativos. É Foucault, filósofo da diferença, que nos faz sentir uma espécie de emoção pelas vidas infames. Talvez, por isso, justificamos nosso interesse em trazer a arte e a literatura contista para tramar com a filosofia e a educação ambiental. No segundo momento, buscamos a aproximação entre filosofia e literatura nos estudos foucaultianos, assim como visamos ressaltar a potência da filosofia para resistir ao presente, provocando o pensar para possíveis educações ambientais.

Deixamos claro, ao(a) leitor(a) que, neste artigo, utilizamos a literatura de modo pontual. A escolha do livro de Aldyr Schlee, “Linha Divisória” decorreu do fato dessa obra nos ter mobilizado a pensar a arte, a filosofia e as nossas relações ambientais no viver da fronteira entre Brasil e o Uruguai, objeto da pesquisa. Nesse sentido, consideramos pertinente, compartilhar algumas informações acerca do autor em questão.

Aldyr Schlee nasceu na fronteira, na cidade de Jaguarão (Rio Grande do Sul, Brasil), em 1934, e faleceu em 2019. Foi escritor fronteiriço e tradutor bilíngue português-espanhol. Suas obras receberam vários prêmios literários: I Bienal Nacional de Literatura (1982), II Bienal Nacional de Literatura (1984)

e o autor foi sete vezes vencedor do Prêmio Açorianos de Literatura. Entre seus livros, podemos citar: *Linha Divisória*, *Uma terra só*, *Contos de sempre*, *Contos de verdades*, *O Dia em que Papa foi a Melo*, dentre outros.

A literatura contista de Aldyr Garcia Schlee está situada neste local, a fronteira entre o Brasil e o Uruguai, e seus personagens povoam as margens, transpassam as linhas, vivem e sobrevivem com suas tristezas e alegrias. Ademais, podem ser encontrados na Ponte Mauá, nas esquinas e ruas, em uma estrada de terra, em algum lugar na curva do Rio Jaguarão, a caminho do balneário Lago Merín. O escritor elege seus contos, como *cuentos puebleros* e mais, tal como ele afirma:

Minha literatura é brasileira, mas, antes, gaúcha. Isso quer dizer que, mesmo em português, faz-se um pouco uruguaia nos temas e na amplitude geográfica. Assim são estes contos, que não chegam a ser campeiros ou criollos, enquanto gaúchos; mas que também não são propriamente urbanos. Prefiro chamá-los como fazem os uruguaiois: *cuentos puebleros*; de *pueblos*, em geral de *pueblos pobres*, de *pueblos da volta*, dos arredores de Jaguarão e Rio Branco (as cidades irmãs da fronteira onde está a linha divisória). São *cuentos puebleros* para que sejam *cuentos de todos os pueblos* (Schlee, 1988, s/p).

8

Aldyr Schlee situa a sua literatura e a compõe com elementos reais, vidas vividas, talvez ouvidas, sussurradas em palavras quase inaudíveis! Talvez, algumas recordações do próprio escritor pelas ruas de Jaguarão e Rio Branco. Na sua escrita, a ficção povoa o real – ou visse e versa –, toca o sensível, ressoa nas memórias, em vidas não vividas, de outros tempos ou de aqui e agora.

Através da literatura contista de Aldyr Schlee, uma literatura dos infames, fomos provocadas a pensar nas nossas relações infames com o ambiente em que vivemos. Nesse espaço fronteiriço, e por seu intermédio, essas relações se configuram ínfimas, ultrapassam linhas imaginárias, e tornam possível a invenção de educações ambientais na trama entre a arte e a filosofia.

A obra “Linha Divisória” foi publicada em 1988 e é dividida em dezesseis contos, em duas partes. A primeira, se intitula “Jaguarão – fica

do lado de cá de uma ponte...” e contém os contos “Ida e volta”, “Artigas Guinchón”, “O fresco e a cafetina”, “O sinal”, “As tias”, “Menino do Hotel Natal”, “Maria Passabém”, “Pláquete-pláquete”. A segunda parte, intitulada “... e o resto do mundo – em que vivemos é todo o sul sem norte” reúne os contos: “Pan viejo”, “Marita”, “Os beduínos ali onde não era nada”, “Era muito bom aos domingos”, “O sulque de rodas vermelhas”, “As costas e a palma da mão”, “Lembranças do avô e “Caçada de lebre”.

Nas páginas do livro em questão, encontramos histórias da fronteira, personagens vivos que constituem o ser fronteiriço – seja do lado de cá, seja do lado de lá –, vidas escritas nos seus cotidianos e que enfrentam os muros e as linhas divisórias que a própria vida lhes impõe.

Vidas de homens e mulheres infames da fronteira, existências não glorificadas, não contadas por uma história oficial. No texto escrito por Michel Foucault, em 1977, “A Vida dos homens infames”, o filósofo faz uma espécie de herbário, reunindo uma antologia de existências, apresenta-nos vidas escritas em poucas linhas, por ele encontradas por acaso em seus estudos em livros e documentos, tais como arquivos de internamento, documentos da polícia, petições ao rei e cartas régias com ordem de prisão. São vidas infames, como afirma Foucault:

[...] que não fossem dotadas de nenhuma dessas grandezas estabelecidas e reconhecidas – as do nascimento, da fortuna, da santidade, do heroísmo ou do gênio; que pertencessem a esses milhares de existências sem deixar rastro (Foucault, 2006c, p. 207).

Vidas comuns relatadas em poucas linhas, como no conto “Ida e volta” (Schlee, 1988):

A gente sai por aí, anda pelo mundo, vê de tudo, pensa que sabe, mas não sabe e não vê mais do que o próprio mundo. Galos cantando ao longe, gritos, ecos. Crianças escolares de gravata vermelha, médico a cem metros, vacas de leite, cruzamento de trens, vermute e fernet branca às onze da manhã, monstros pré-históricos – e mais aquelas duas mulheres esperando o motocar e mais aquele cocheiro como se tivesse sido sempre assim. As quitadeiras e o cocheiro na sua lida interminável, andando e andando, carregando; mas tudo parado, como se nada mudasse,

eles iguais, as mesmas quitandeiras e o mesmo cocheiro de ontem (Schlee, 1988, p. 11).

No conto, conforme o excerto anterior, o personagem revê o lugar, transita pelo espaço-tempo da fronteira, encontra as vidas ínfimas que vivem nesse território, dia a dia. Nessa ida e volta, no vai e vem da vida, poucas são as surpresas, as memórias remontam outros tempos vividos. Um retorno, um reencontro com a fronteira, possível de sentir ao ler as linhas escritas do conto. A partir da literatura, da arte, da cultura vamos criando significações para o lugar em que vivemos, vamos produzindo nossas relações fronteiriças.

Através dos personagens encontrados nesses fragmentos de contos *puebleros*, vamos constituindo nossa relação com a fronteira, com os outros e conosco mesmo. Vidas infames são narradas a cada linha, a cada palavra. Foi no seu encontro com o poder, que foi possível que as existências-relâmpagos, esses poemas-vidas, emergissem. Foi nesse choque que um instante de luz iluminasse essas vidas infames. Seria possível dizer, por exemplo, tal como ressaltou Foucault (2006c) na situação que focalizamos, que, para que essas vidas infames chegassem até nós, foi preciso que o poder espreitasse, prestasse atenção por um instante às suas queixas, às suas súplicas e denúncias, só assim foi possível que deixassem seus rastros.

O ponto mais intenso das vidas, aquele em que se concentra sua energia, é bem ali onde elas se chocam com o poder, debatem-se com ele, tentam utilizar suas forças ou escapar de suas armadilhas. As falas breves e estridentes que vão e vem entre o poder e as existências as mais essenciais, sem dúvidas, são para estas vidas o único monumento que jamais lhes foi concedido; é o que lhes dá, para atravessar o tempo, o pouco de ruído, o breve clarão que as traz até nós (Foucault, 2006c, p. 208).

“Pan viejo”, personagem do escritor Aldyr Schlee, choca-se com o poder, um poder que disciplina, que segrega, separa aqui e acolá, no Uruguai e no Brasil, em uruguaios e brasileiros. Um poder que produz limites, normas, produz o indivíduo, chega até ele por uma anatomia política dos corpos, exercendo uma certa microfísica do poder, como Foucault escreve em *Vigiar e Punir* (2014), que realça o indivíduo como uma realidade fabricada

por essa tecnologia do poder, chamada disciplina, um poder que produz corpos, que produz realidades, que é campo de objetos e verdades.

– ¿Sabe usted? Desde aquel día... Quando los miré... la mirá, mirá a Pajarito, y ¡oh! ¡Bueno! ¡ Son cosas, mire! Y esse de ladrón, de criminal, no lo crea de pronto, m'hijo... ¿ Qué sabe usted? ¿Criminales? ¡Criminales! Y a lo más, esto acá no es nada, ¿entendido? ¡Nada! ¡Ni Brasil, ni Uruguay! Ni Yaguarón, ni Río Branco... ¡Todo lo mismo! ¡Los dueños que lo digan! Dueños de una tierra sóla, ¡patrones! ¿Y nosotros? Nosotros somos lo de menos, ¡mire! ¿Que sabe usted? (Schlee, 1988, p. 64).

Vidas infames de uma terra só! Na contemporaneidade, é possível olhar através da literatura, da arte, para as vidas infames da fronteira, como fala Pan Viejo: “¡Son cosas, mire! ¡Ojo!” (Schlee, 1988, p. 62). O personagem nos provoca a pensar, a sentir e a ver outras vidas: prostitutas, lavadeiras do rio, cocheiros, quitandeiras, estivadores, contrabandistas, campeiros, comerciantes, crianças e “velhos”, fronteiriços e fronteiriças que habitam esse lugar e se constituem a partir de uma construção histórica e cultural daqui, da fronteira entre Brasil e Uruguai.

“– Miro: esto es todo lo mismo: acá, allá; arriba, abajo; qué sabe usted, m'hijo? Qué...Qué...¡Los dueños que lo digan! ¡Todo lo mismo! ¡una tierra sóla! ¡Solita no más! Qué pátria! ¿Qué pátria? ¿La mía? ¿La suya?” (Schlee, 1988, p. 59). O personagem Pan Viejo fala, esbraveja com sua cara barbada contra o poder. A partir da leitura, podemos pensar na resistência necessária, inventiva, criadora de possíveis educações ambientais, para além daquilo que disciplina nossos corpos, nosso agir no mundo, nosso viver na fronteira. Educações ambientais da multiplicidade, da coragem de Pan Viejo, de enfrentamentos possíveis contra o poder que nos conduz e nos fabrica homogeneizados.

Através da literatura, temos a possibilidade de ler a vida dos homens infames, a qual Foucault também trata como uma lenda de homens obscuros. Uma lenda negra, seca, na qual há um certo equívoco do fictício e do real. Não como outras lendas, em que o lendário é aquele que transmite a glória, recoberto de tantos prestígios e o embelezado de tantas impossibilidades. Mas, sim, uma lenda de homens infames que não possuem nenhum papel

apreciável, nenhuma glória, apenas poucas palavras de uma existência reduzida ao choque com o poder. Uma multiplicidade de acasos que levou com que uma vida medíocre, miserável, fosse escrita, narrada e relatada às autoridades, às instituições, que não existem senão por poucas palavras que são a eles destinadas para torná-los indignos de qualquer glória ou fama (Foucault, 2006c).

Vidas que são como se não tivessem existido, vidas que só sobrevivem do choque com um poder que não quis senão aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las, vidas que só nos retornam pelo efeito de múltiplos acasos, eis aí as infâmias das quais eu quis, aqui, juntar alguns restos (Foucault, 2006c, p. 210).

Foi aceitando o convite de Foucault para que a vida dos homens infames se estendesse a outros tempos e a outros lugares que recuperamos a literatura de Aldyr Schlee para compor esta seção. Vidas infames, sem nenhuma glória, como os personagens Maria Passabém, Isolina e Engraxate.

12

Maria Passabém tinha só dois amigos, um casal de esmoleiros: o Engraxate e a Izolina. A Izolina era gente muito boa e havia sido muito rica, até que deu o mau passo com o Engraxate – miserável e bêbado – e acabou ficando louca por causa de dois desgostos: o seu próprio e o dado à família. Dos três entes, o único que tinha nome mesmo era a Izolina. Isolina, talvez. Isolina Farias das Neves. O Engraxate, só ele sabia como fora batizado, mas não dizia nem à Isolina. E Maria Passabém, nem ela sabia como se chamava... Os guris, na rua, chamavam-na de Maria Passabém... (Schlee, 1988, p. 46).

As três vidas, vividas miseravelmente nas ruas de Jaguarão, talvez escondam passados, outras formas de viver que não fazem mais parte de seus cotidianos, mas que estão ali diante de nós com seus sonhos, seus anseios, seus receios. Uma coleção que Michel Foucault reuniu ao fazer uma compilação de infâmias, vestígios que remetiam principalmente a documentos de 1660 a 1760, que proviam “um acontecimento importante em que cruzavam os mecanismos políticos e os efeitos de discurso” (Foucault, 2006c, p. 211).

Segundo Foucault (2006c), com o cristianismo, há uma tomada de poder sobre o dia a dia da vida e passa a ser preciso confessar as faltas, as

fraquezas, a tudo dizer para ser perdoado. Porém, ao final do século XVII, esse mecanismo foi ultrapassado pelo “[...] agenciamento administrativo e não mais religioso; mecanismo de registro e não mais perdão” (Foucault, 2006c, p. 213). A voz da confissão foi sendo substituída por vozes múltiplas que foram depositadas em arquivos: inquirição, relatório, interrogatório. Vimos, a partir daí, uma relação completamente diferente entre o cotidiano, o poder e o discurso.

○ insignificante cessa de pertencer ao silêncio, ao rumor que passa ou à confissão fugidia. Todas essas coisas que compõem o comum, o detalhe sem importância, a obscuridade, os dias sem glória, a vida comum, podem e devem ser ditas, ou melhor, escritas (Foucault, 2006c, p. 216).

Nos dias sem glória, no dia a dia da vida, o personagem João, do conto “O sinal” de Aldyr Schlee (1988), aguarda um sinal. Vive uma vida como qualquer existência, uma vida comum! O personagem levou uma vida sem pressa, perambulando pelos cômodos da casa, talvez sem a coragem de falar, sem coragem para viver sem seu amor. Ficou ali com as lembranças de como a chácara fora linda e com tanta gente! Aguardando, a cada primavera, o sinal...

Os pessegueiros se abriam em flor e tudo melhoraria. A chácara toda iria recender a perfume de flor de pessegueiro. Seria preciso abrir a casa e enxotar as galinhas e reformar as cercas e buscar os porcos e limpar os pastos e lavar a terra e, depois, colher os frutos e arrumar as coisas e limpar os tachos e cozinhar os doces e preparar as compotas. E então haveria cheiros e as cores da brotação e todos os animais estariam no cio e se acasalariam aos cacarejos e gorjeios e gritos e relinchos e haveria coragem de dizer-lhe, enfim, essas coisas todas que é preciso dizer para as pessoas com quem a gente vive, de quem a gente precisa, e a quem a gente ama muito, muito (Schlee, 1988, p. 34).

[...]

João passara o inverno atrás dos vidros embaciados, na esperança de que os pessegueiros florissem. Sabia que era preciso dar tempo ao tempo. Pensava em gritar sozinho, perguntar se tinha sentido tudo aquilo, se aquilo tinha sentido. Mas se dominava no balanço lento da cadeira. E esperava; esperava sem pressa,

na certeza sofrida de florzinhas rosadas e dias melhores (Schlee, 1988, p. 34).

Na literatura contista de Aldyr Schlee, vemos as palavras sussurradas, as barreiras que a vida impõe a tantas existências infames, a vida ínfima escrita em poucas linhas o que nos faz sentir as fagulhas, o que nos emociona e nos comove. Para Foucault (2006c, p. 217), há o nascimento de uma grande possibilidade de discursos, “[...] um certo saber do cotidiano tem, aí, pelo menos uma parte da sua origem e, com ele, uma grade de inteligibilidade aplicada sobre nossos gestos, sobre nossas maneiras de ser e de fazer, empreendida pelo Ocidente”. Assim, desenvolve-se um certo tipo de linguagem, um discurso sobre o cotidiano, sobre o banal, sobre as mesquinhas para que fossem narradas ao rei, como afirma Foucault, um “edifício verbal suntuoso [...]” (Foucault, 2006c, p. 217) sobre uma pequena intriga, sobre um acontecimento que se torna, com efeito da linguagem, digno de ser levado aos monarcas.

14

Momento importante este em que uma sociedade emprestou palavras, torneios e frases, rituais de linguagem à massa anônima de pessoas para que pudessem falar de si mesmas – falar dela publicamente e sob a tripla condição de que esse discurso fosse dirigido e posto em circulação em um dispositivo de poder bem definido, que fizesse aparecer o fundo até então apenas perceptível das existências, e que a partir dessa guerra ínfima das paixões e dos interesses ele desse ao poder a possibilidade de intervenção soberana (Foucault, 2006c, p. 219).

Não mais ao monarca seriam destinadas as palavras escritas sobre a vida cotidiana e, sim, seriam analisadas, observadas por uma rede fina contínua de diversas instituições como a da justiça, da polícia, da medicina, da psiquiatria. Um poder que perpassa corpos, produz, ao invés de vigiar e punir, um poder microfísico que faz agir e falar (Foucault, 2006c).

No momento em que se instaura um dispositivo para forçar a dizer o ‘ínfimo’, o que não se dizia, o que não merece nenhuma glória, o “infame” portanto, um novo imperativo se forma, o qual vai constituir o que se poderá chamar a ética imanente ao discurso literário do Ocidente: suas funções cerimoniais vão se apagar pouco a pouco; não terá mais como tarefa manifestar de modo sensível o

clamor demasiado visível da força, da graça, do heroísmo, da potência; mas ir buscar o que é mais difícil de perceber, o mais escondido, o mais penoso de dizer e de mostrar, finalmente o mais proibido e o mais escandaloso (Foucault, 2006c, p. 220).

Uma nova maquinaria para a constituição de novos saberes se institui a partir da virada do século XVII e XVIII e vemos a constituição de um novo modo de estabelecimento de relações de poder, um outro discurso sobre a vida cotidiana e a verdade. Por muito tempo, a vida só podia ser contada através da fábula, do “fabuloso imaginário”, era preciso que tivesse uma pitada de impossível para, então, se tornar dizível, um jogo entre o verdadeiro e o falso, com a intenção de dar um exemplo, uma lição. Mas foi a partir do século XVII que surge uma arte de linguagem, uma “fábula” da vida, era necessário escrever sobre o “ínfimo”, sobre o que não aparece, uma coação que caracteriza e faz dizer os mais comuns dos segredos. Isso se caracteriza como uma condição de existência da literatura (Foucault, 2006c).

A literatura, portanto, faz parte desse grande sistema de coação através do qual o Ocidente obrigou o cotidiano a se pôr em discurso; mas ela ocupa um lugar particular: obstinada em procurar o cotidiano por baixo dele mesmo, em ultrapassar os limites, em levantar brutal ou insidiosamente os segredos, em deslocar as regras e os códigos, em fazer dizer o inconfessável, ela tenderá, então, a se pôr fora da lei ou, ao menos, a ocupar-se do escândalo, da transgressão ou da revolta. Mais do que qualquer outra forma de linguagem, ela permanece o discurso da *infâmia*: cabe a ela dizer o mais indizível – o pior, o mais secreto, o mais intolerável, o descarado. (Foucault, 2006c, p. 221, grifo do autor).

Na literatura contista analisada, permanece o discurso da “infâmia”, como um ato de resistir ao estipulado, às “linhas divisórias”, às regras. É na indecisão entre o verdadeiro e o falso que o fabuloso pode funcionar, mas a literatura “[...] instaura uma decisão de não-verdade[...].” (Foucault, 2006c, p. 221). É através da ficção que a literatura produz efeitos de verdade, é na relação com um certo dispositivo de poder que atravessa os discursos e as estratégias do verdadeiro (Foucault, 2006c).

Como vimos anteriormente, em 1977, Foucault escreveu uma introdução a uma antologia de existências, “A vida dos homens infames”, em que

sugere um novo modo de ligação entre discurso e poder, o nascimento da literatura como efeito do sistema disciplinar que obrigou o cotidiano, o “ínfimo”, a se colocar no discurso.

Mas o que faz esse texto? Em primeiro lugar, elogia a intensidade desses “poemas-vidas”, contidos nos registros de internação que conservaram essas vidas sem glória nem fama, obscuras, desafortunadas, reconhecendo que esses relatos, essas ‘novelas’ o tocaram bem mais profundamente do que as obras literárias. Em seguida, desses anônimos homens infames – existências reais em luta com um poder que os persegue e os enclausura, e cujos discursos são produtos ou efeitos desse mesmo poder sobre suas vidas, pobres coitados que só existem pelas poucas e terríveis palavras que circulam por esses dispositivos de poder e são destinadas a torná-los indignos à memória dos homens (Machado, 2000, p. 128).

16 O filósofo Michel Foucault, em seus estudos arqueológicos, tramou com a literatura para pensar a loucura, a morte. Desde seus primeiros estudos em “História da Loucura” (1961), Foucault faz uma relação entre loucura e literatura e, após, em “Nascimento da clínica” (1963), o autor relaciona literatura e morte, na constituição de saberes sobre o homem. Na continuidade de seus estudos sobre genealogia e as relações entre saber e poder, Foucault muda o olhar para a literatura, não mais como algo para dismantelar o poder, como na margem, mas, sim, como parte dos discursos de poder que tanto poderiam intensificar os controles, mas também se constituir em resistência (Machado, 2000).

No conto “Pláquete-pláquete”, de Schlee (1988), Espantão, como gostava de ser chamado José Bodeja Pereira, tinha uma afinidade ímpar com os cavalos e gostaria de ir para o quartel para cuidá-los, mas ficou como ordenança por implicância do tenente, recebendo ordens e desaforos a todo o momento. Houve um momento de ruptura com a ordem estabelecida, era preciso resistir!

No dá-lhe que dá-lhe, José Bodeja Pereira debandava mais e mais rápido, de espora fita, rédea solta, a toda brida, suando como o cavalo levantando poeira da estrada, pláquete-pláquete, pláquete-pláquete, olhando para trás e pensando na vida...

[...]

Afinal, era brasileiro, cidadão, nativo indígena, conterrâneo de qualquer jaguarensense e compatriota de todos no quartel. Só porque não sabia dizer uma que outra palavra direito e porque preferisse falar castelhano desde pequeno, não ia dar permissão de passarem com ele da broma para o desaforo. Fosse quem fosse o debochado, soldado raso ou comandante cheio de galonas...

[...]

Que viesse a patrulha; ou um piquete; ou mesmo uma tropa! Agora ele não se entregava de volta! (Schlee, 1988, p. 51).

Era preciso atravessar a nado o rio Jaguarão, deixar ali o cavalo, afinal, não era ladrão, debandar para o lado uruguaio e sumir... “Num santiamém José Bodeja Pereira puxou o sabre, enfiou na barriga do tenente e se escafedeu... Pláquete-pláquete, pláquete-pláquete...” (Schlee, 1988, p. 55).

A arte permeia a filosofia, mergulha e agita, provoca os pensamentos e os sentidos, seja através da literatura contista de Aldyr Schlee, seja através de outras obras de arte como fotografias e músicas. É na experiência que vemos a potência de criar e de resistir, como afirma Deleuze (1999), a filosofia não é para refletir sobre algo, mas para criar, inventar, como qualquer outra disciplina, “[...] é preciso que haja uma necessidade, tanto na filosofia quanto nas outras áreas, do contrário não há nada [...] Um criador só faz aquilo de que tem absoluta necessidade” (Deleuze, 1999, p. 3). E aqui se faz necessário inventar, fabricar, remontar mundos com a arte e a filosofia, como forma de resistir às verdades deste tempo, como um ato de resistência e criar educações ambientais possíveis (Henning, Mutz; Vieira, 2018). Chacoalhar as fronteiras, provocar mais e mais educações ambientais infames, múltiplas, cunhadas na diferença e na pluralidade, resistentes às linhas divisórias que insistem em separar, segregar, aqui e ali.

Crear nuevas posibilidades para pensar en la educación ambiental que escapa a la conducción de conductas, que gambetean los mecanismos y estrategias de subjetivación de una educación ambiental mayor. Empezar revueltas y resistencias a lo ya dado, ya instituido por este campo de conocimiento, nos provoca pensar en sus fundamentos y en sus bases concretas e instituidas. Además, abre grietas, ranhuras em espacios más grandes para pensar de manera diferente a um nível micropolítico (Schlee; Henning; Ribeiro, 2019, p. 80).

Por meio das leituras de textos de Michel Foucault sobre arte – literatura, música, pinturas – vimos uma forma de resistir ao que fora estipulado para a filosofia da época, para a loucura, para o doente, uma maneira de pensar diferente do que se pensava. Talvez, uma forma de percorrer caminhos através do seu encontro com a arte.

Foucault analisa [...] obras que, frente à perspectiva humanista dominante na episteme da modernidade através do que poderíamos chamar de orientação nietzschiana na filosofia, criaram uma literatura que é uma alternativa às problemáticas do sentido, da vida e da linguagem dominantes na fenomenologia e no existencialismo, e que para ele se apresentavam como “sufocantes”. Trata-se de análises de alguns autores, como Blanchot, Bataille, Klossowski, Robbe-Grillet, Beckett, Roussel, cujas experiências no campo da reflexão e da criação artística marcaram a cultura contemporânea com amplos efeitos, principalmente no campo da ética (Motta, 2009, p. VI).

18 Foi no intuito de fugir de uma filosofia da consciência ou do sujeito que dominava o pensamento filosófico francês da época, anos 1960 e 1970, que Foucault, através de suas leituras nietzschianas, passou a valorizar a literatura. Nietzsche considera escritores como Bataille, Klossowski, Blanchot “[...] como alternativa ao homem considerado como *a priori* histórico dos saberes da modernidade” (Machado, 2000, p. 11). Não só a literatura, mas precisamente na linguagem literária.

Como se a linguagem, quando utilizada literalmente, livrasse, com o seu poder de resistência, de contestação ou de transgressão, o pensamento do sono dogmático e do sonho antropológico a que ele esteve ou continua submetido na reflexão filosófica (Machado, 2000, p. 11).

Como escreve Roberto Machado (2000), o interesse de Foucault pela literatura não foi esporádico ou marginal, mas, ao contrário, inseriu-se nos estudos que realizava sobre a psiquiatria e a medicina, assim como sobre os saberes que dizem respeito ao homem. Para Foucault, a experiência era uma ficção, algo que se fabrica de si mesmo. O autor ainda provoca quando afirma que: “[...] a ideia de uma experiência-limite, que arranca o sujeito de si mesmo, eis o que foi importante para mim, na leitura de Nietzsche, de

Bataille, de Blanchot.... visando a me arrancar de mim mesmo, a me impedir de ser o mesmo" (Foucault, 2010, p. 291).

Aos poucos, Foucault desloca a análise do poder para os modos de subjetivação, deixando de lado o seu interesse sobre a linguagem literária. Interessa-se, a partir desse momento, pela relação da escrita com o cuidado de si, num outro sentido para a palavra "literatura", uma "[...] literatura [...] do eu na cultura filosófica de si durante este período histórico em que a moral foi dominada pela injunção do cuidado de si" (Machado, 2000, p. 134).

Em entrevista realizada em 1975, publicada com o título "Além das fronteiras da filosofia", Foucault (1986, p. 1) argumenta que "[...] a literatura era algo a ser observado e não analisado ou reduzido ou integrado ao campo de análise. Era um descanso, um pensamento a caminho, uma marca, uma bandeira". Era algo fora da filosofia, uma maneira de escapar dela, opondo-se a esta como uma espécie de riso, espanto e alegria.

Na violência de Bataille, na doçura agitada, insidiosa de Blanchot, nas espirais de Klossowski, havia algo que, enquanto se afastava da filosofia, colocava-a em jogo, emergia dela, para logo regressar... Algo da teoria da respiração de Klossowski está ligado, por não sei quantas fibras, a toda a filosofia ocidental. E por toda a apresentação, formulação, o modo que funciona em *Le Baphometh*, emerge completamente dela. Estas entradas e saídas através da parede mesma da filosofia, ironicamente, fizeram permeáveis as fronteiras entre o filosófico e o não filosófico (Foucault, 1986, p. 5, grifo do autor).

Na permeabilidade das fronteiras entre o filosófico e o não filosófico, a arte toca a filosofia como potência criativa para se pensar o presente. A arte ressoa nos pensamentos, faz vibrar, coloca-se em jogo, emerge e transita pela filosofia. É aqui que vejo a potência da arte e da filosofia para compor, criar outras educações ambientais neste espaço-tempo fronteiro, além de "linhas divisórias". A arte da fronteira, com suas músicas, contos, romances, filmes, fotografias nos permitem pensar naquilo que somos enquanto fronteiro(as). Aqui, neste tempo presente, a pensar também nas nossas relações com o lugar, com o ambiente cultural-natural fabricado nos interstícios sociais, culturais, históricos, que constituem nossa subjetividade enquanto fronteiro(as) e fronteiras.

Fronteiriços como os guris² vendedores de bergamota e laranja em uma manhã ensolarada e fria de um domingo qualquer, na Ruta 18 entre Río Branco e Trinta y Tres, como no conto “Era muito bom aos domingos” de Schlee (1988).

Os guris vendiam laranja e bergamota na beira da carreteira e nunca tinham ido a Río Branco ou Trinta y Trés. Viviam ali, no meio do campo, numa quinta do padraço – que ficava entre a estrada e a escola, para o outro lado. Toda a manhã tiravam a água do poço, ajudavam as buscar as duas vacas e a apoiá-las, tomavam café com galleta; depois, lavavam a cara apressados, penteavam a franja e, de tapa-pó branco e gravata-azul, saíam para o colégio. Nos domingos, era muito bom (Schlee, 1988, p. 80).

Vidas vividas ali, nos espaços da fronteira, como nos instiga a pensar o escritor contista de vidas infames, dias sem glória, experiências, memórias que ressoam aqueles que vivem neste espaço-tempo fronteiriço. Porventura, a escrita deste artigo se dá na inventividade de cotidianos na fronteira, multiplicando olhares, rompendo saberes, tramando campos de saber como a arte, a filosofia, instigando educações ambientais ainda por fazer. Educações ambientais que passem pelo exercício de constituirmo-nos como sujeitos pertencentes a uma cultura, um povo e suas significações.

A atividade filosófica em Michel Foucault é um convite para resistir ao presente, permitindo não só proceder à uma análise crítica do que somos hoje ou daquilo que nos tornamos, mas também recusar o que somos, resistir aos processos de individualização e totalização e promover novas formas de subjetividade através da recusa da individualidade, que nos foi imposta (Foucault, 1995, p. 239). Não buscamos, aqui, uma maneira de definir a fronteira ou nós, sujeitos que vivemos nela, mas, através da arte, da filosofia e da educação ambiental pensar como nos tornamos aquilo que somos e como constituímos no presente.

Na premissa de não legitimar o instituído, mas de resistir, como potência para viver o presente, estranhar os muros, cortar as “linhas divisórias”, ultrapassar barreiras, dizer sim à vida, entendemos ser essa uma forma de nos libertarmos e de buscarmos outras regras. Compreendemos que esse é

um deslocamento necessário e urgente para pensar as educações ambientais no espaço-tempo da fronteira entre o Brasil e o Uruguai.

A filosofia é o deslocamento e a transformação das molduras de pensamento, a modificação dos valores estabelecidos, e todo o trabalho que se faz para pensar diferentemente, para fazer diversamente, para tornar-se outro do que se é (Foucault, 2005, p. 304).

Considerando esse ponto de vista, percebemos uma arte de viver, uma vida filosófica, um abalo nas molduras, nos limites do pensamento e que nos provoca a pensar: Como a arte da fronteira resiste a uma história oficial? Em que infames ela nos convoca a pensar? Como é possível criar outras, quiçá infames, educações ambientais no entrelaçamento entre arte e filosofia? Que resistências múltiplas e heterogêneas são possíveis para o presente?

Diante do exposto, até o momento e a partir do objetivo traçado em que buscamos potencializar o pensar sobre o que pode significar a fronteira (Brasil-Uruguai) no entrelaçamento entre literatura, filosofia e educação ambiental, para além do entendimento de ser essa uma simples linha divisória, analisamos alguns contos do livro “Linha Divisória”. Chegamos às seguintes considerações: em primeiro lugar, a produção das significações do que entendemos como fronteira perpassa por nossas leituras de mundo e por nossas relações com o lugar, relações estas marcadas pela infâmia e pela resistência ao poder que molda corpos, cria normas e linhas divisórias.

Em segundo lugar, consideramos que as possíveis educações ambientais na fronteira, entrelaçadas com a arte e a filosofia, podem buscar uma ruptura com o estipulado. Isso provoca um deslocamento necessário e urgente para pensar as relações fronteiriças, trazendo a filosofia como potência criativa para pensar o presente.

É necessário criar! Criar resistências, ultrapassar limites, promover coletividades, produzir outras formas de viver e se relacionar com os outros e com o lugar em que vivemos, que incorporem a estética e ética. Criar, então, educações ambientais que potencializem encontros múltiplos entre a arte e a filosofia e que abram caminhos intempestivos, necessários para viver o presente no espaço-tempo da fronteira. E, assim, deslocar-se, provocar-se, experimentar-se...

[...] se deve ter uma atitude exigente, prudente, *experimental*; é preciso a cada instante, passo a passo, confrontar o que se pensa e o que se diz com o que se faz e o que se é (Foucault, 2006d, p. 219, grifos do autor).

No desejo de ultrapassar linhas divisórias, no intuito de percorrer mais e mais além-fronteiras, traçamos uma trajetória, mais precisamente um deslocamento entre a arte e a filosofia entremeado por educações ambientais. Foi com os estudos foucaultianos que buscamos um modo de exercitar a filosofia e sentir a arte pulsar como onda acústica de resistência, em que a estética pode e deve tocar o pensar.

Assim, nesta seção, pulsamos com a arte, através da literatura para pensar a fronteira entre o Brasil e o Uruguai, atravessada pela potência filosófica de Michel Foucault para resistir ao presente, provocando o pensar para múltiplas educações ambientais. Foi através do livro de contos de Aldyr Schlee (1988) "Linha Divisória", que nos provocamos a pensar sobre as vidas infames da fronteira, que, em suas existências, ultrapassam linhas divisórias, chocam-se com o poder e rompem barreiras através das relações de forças.

22

Considerações finais

Com este artigo, realizamos um exercício filosófico entremeado com a arte para pensar a fronteira Brasil-Uruguai, com o objetivo de potencializar o pensar sobre o que pode significar a fronteira no entrelaçamento entre literatura, filosofia e educação ambiental, para além do entendimento de ser essa uma simples linha divisória. Assim, buscamos, no primeiro momento, a ferramenta foucaultiana da problematização, que serviu para que pudéssemos pensar e repensar a fronteira e a educação ambiental, como potência de criação, de invenção, de multiplicidades, articulando com a arte e a filosofia.

Na sequência, o foco foi tecer a literatura e a filosofia entremeadas pelos contos de Aldyr Schlee (1988), retirados do livro "Linha Divisória", e articuladas com a "A vida dos homens infames", de Michel Foucault (2006 c), para pensar a potência da arte e da filosofia, buscando resistir ao presente. Na literatura de Aldyr Schlee, vimos as vidas como a de Pan Viejo, Maria Passabém, Isolina, Engraxate, João, Espantão, vidas infames, poemas-vidas,

vidas como as nossas de fronteiriços e fronteiriças, que vivem aqui e acolá, nesse espaço-tempo, onde há possibilidades para um movimento de resistência, de transgressão, de estranhamento que interroga as linhas divisórias.

Concluindo, a partir do objetivo traçado e das análises da literatura, podemos considerar que, em primeiro lugar, as significações do que entendemos como fronteira se produz através das relações culturais, históricas, sociais, ambientais, marcadas pela infâmia e resistência ao poder que fabrica modos de ser e viver fronteiriços. Em segundo lugar, consideramos que as possíveis educações ambientais na fronteira, entrelaçadas com a arte e a filosofia, podem potencializar rupturas, provocando deslocamentos para criar novas maneiras de se relacionar com a fronteira.

Como palavras finais, registramos que, para além de uma linha divisória, movem-se barreiras, ultrapassam-se os limites do estabelecido, não só as linhas que geograficamente demarcam os territórios, mas também em outras dimensões como os campos de saber da educação ambiental, da arte e da filosofia que aqui se tramam. As vidas e existências infames de fronteiriços e fronteiriças, que experienciam as relações com este lugar nos seus cotidianos, talvez seja uma aposta necessária para a atualidade: resistir e mover-se, assim como escutam na música de Jorge Dexler “Y las fronteras se mueven/Como las banderas”.

Notas

1. O pampa faz parte de uma extensa região natural-cultural que se estende por parte do Rio Grande do Sul (Brasil), parte da Argentina e todo o território uruguaio, ultrapassando as fronteiras geopolíticas entre esses países e que vêm fabricando sujeitos pampeanos para além de uma linha divisória entre estes países.
2. É o mesmo que meninos.

Referências

DELEUZE, Gilles. O ato de criação: palestra de 1987. Tradução José Marcos Macedo. Folha de S. Paulo, São Paulo, 27 jun. 1999. FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade** 2: o uso dos prazeres. 8. ed. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. Além das fronteiras da filosofia. Tradução Wanderson Flor do Nascimento. **Le Monde**, 6 set. 1986. (Entrevista conduzida por Roger-Pol Droit em 20 de junho de 1975).

FOUCAULT, Michel. O filósofo Mascarado. In: FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Ditos e escritos II. Tradução Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005,

FOUCAULT, Michel. Eu sou um Pirotecnico. In: POL-DROIT, Roger. **Michel Foucault** (Entrevistas). Tradução Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. São Paulo: Graal, 2006a.

FOUCAULT, Michel. Polêmica, Política e Problematizações. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Ditos e escritos V. Tradução Elisa Monteiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, Michel. **Estratégia poder-saber**. Ditos & escritos IV. Tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária. 2006c.

24 FOUCAULT, Michel. Política e ética: uma entrevista. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Ditos e Escritos V. Tradução: Elisa Monteiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária. 2006d.

FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: FOUCAULT, Michel. **Repensar a política**. Ditos e escritos VI. Tradução Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. (v. 6).

HENNING, Paula Corrêa; MUTZ, Andressa; VIEIRA, Virgínia Tavares. (org.). **Educações ambientais possíveis**: ecos de Michel Foucault para pensar o presente. Curitiba: Appris Editora, 2018.

HENNING, Paula Corrêa. Educação ambiental: o silêncio como potência criadora. In: HENNING, Paula Corrêa; SILVA, Gisele Ruiz (org.). **Educação e filosofia**: fissuras no pensamento com Nietzsche, Foucault, Deleuze e outros malditos. Rio Grande: Editora da FURG, 2021,

MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

MOTTA, Manoel Barros da. Apresentação. In: FOUCAULT, Michel. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Ditos e escritos III. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2009.

RESTREPO, Eduardo. Cuestiones de método: eventualización y problematización en Foucault. **Revista Tabula Rasa**, Bogotá, n. 8, p. 111-132, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.revistatabularasa.org/numero-8/restrepoE.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2017.

REVEL, Judith. O pensamento vertical: uma ética da problematização. In: GROS, Frédéric (org.). **Foucault**: A coragem da verdade. São Paulo: Parábola Editora, 2004.

REVEL, Judith. **Foucault**: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.

SCHLEE, Aldyr Garcia. **Linha divisória**. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

SCHLEE, Juliana Corrêa Pereira, HENNING, Paula Corrêa, RIBEIRO, Paula Regina Costa. Educación ambiental, mujeres y la Pampa Gaucha/Brasil: apuntes de una investigación. Colômbia: **Plumilla Educativa**, v. 2, n. 24, p. 65-84. 2019. Disponível em: <https://revistasum.umanizales.edu.co/ojs/index.php/plumillaeducativa/article/view/3566> Acesso em: 26 fev. 2022.

Prof.ª Dr.ª Juliana Corrêa Pereira Schlee

Secretaria Municipal de Educação de Herval (Brasil)

Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia (FURG)

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-3566-2181>

E-mail: julianaschlee@gmail.com

Prof.ª Dr.ª Paula Corrêa Henning

Universidade Federal do Rio Grande (Brasil)

Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências

Programa de Pós-Graduação em Educação

Líder do Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia

Bolsista Produtividade do CNPq 2

Orcid id: <http://orcid.org/0000-0003-3697-9030>

E-mail: paula.c.henning@gmail.com

Prof.ª Dr.ª Renata Lobato Schlee

Professora visitante da Universidad de la Republica (Montevideu-Uruguay)

Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia (FURG)

Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-1838-5012>

E-mail: renataschlee@gmail.com

26

Recebido 6 jul. 2024

Aceito 26 ago. 2024



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-Non-Commercial-ShareAlike 4.0 International License.